

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

253

INSCRIÇÕES 857-859



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2023

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL



EPITÁFIO DO PALÁCIO BELMONTE, LISBOA
(*Conventus Scallabitanus*)

Numa parede da *suite* Gil Vicente do Palácio Belmonte Hotel¹ instalado nesse antigo palácio junto ao Castelo de São Jorge, na freguesia de Santa Maria Maior em Lisboa, encontra-se o fragmento de um monumento funerário romano². Este é, aliás, um dos inúmeros bens culturais móveis e imóveis presentes por todo o edifício, onde são constantes as integrações e musealizações patrimoniais evocativas do passado do local, tanto enquanto espaço palaciano, como assinalando épocas mais remotas, como por exemplo os troços da Cerca Velha (a que o palácio se adossou), agora visíveis no interior do hotel.

As informações sobre as circunstâncias do achado desta epígrafe fragmentada são vagas: terá sido descoberta durante os trabalhos de reabilitação e readaptação do edifício, em local não precisado, tendo sido opção dos proprietários a sua colocação e exposição na parede onde se encontra presentemente³.

Estando este fragmento, em lioz rosa (rocha frequente nas pedreiras da região de Lisboa), colocado na parede com

¹ Sítio no Pátio Dom Fradique, 14, Lisboa.

² Agradecemos a Manuel Ramírez-Sánchez a gentileza de nos informar sobre a existência desta peça.

³ Agradecemos o acesso à epígrafe e a possibilidade de a estudar ao casal Maria José e Frédéric Coustouls.

recurso a técnicas dificilmente reversíveis (adossado por meio de argamassa), o seu exame enquanto objeto foi muito condicionado, impedindo logo à partida a observação da sua face posterior, análise essencial para a apresentação de hipóteses bem fundamentadas sobre o seu enquadramento no monumento original. Contudo, a forma como foi colocado na parede permite admitir que muito provavelmente se trata de uma placa. O exame das extremidades do objeto, por sua vez, autoriza afirmar que se está perante um fragmento que corresponde à parte superior de uma placa a que falta o lado esquerdo, o lado direito e a parte inferior. Qualquer consideração sobre as dimensões em falta em cada um dos lados dependerão muito da interpretação do texto epigrafado conservado, que é de natureza funerária. A face epigrafada apresenta numerosas escoriações passíveis de conduzir a interpretações erróneas que o tratamento/limpeza, a que a peça foi sujeita, antes de ser exposta, terá agravado.

Dimensões: 21 x 31,5/48 x 11.

[...] I(*vel* T?)ACONIA AN[N(*orum*)...] /
[...] FAVSTVS AN(*orum*) I *vel* L[...]

Altura das letras: l. 1: 6 (I=4); l. 2: 5 (T=6).

Espaços: 1: 12; 2: 8.

A paginação é cuidada (sem que seja possível determinar um qualquer alinhamento), denunciando o recurso a linhas auxiliares que ainda são, na sua maioria, visíveis. O texto conservado distribui-se por duas linhas, apresentando a identificação de um defunto em cada uma delas.

As letras, cujos vestígios da gravação em V ainda são visíveis, apresentam desenho uniforme, inscrevendo-se num rectângulo em que a altura é maior do que a largura: genericamente, na primeira linha, entre 6 cm de altura e 4 cm de largura e na segunda linha, 5 cm de altura e 3 cm de largura. As exceções são: na primeira linha, o O e o C com uma largura de 4,5 cm e o I com uma altura de 4 cm, semi-incluso sob o N, prolongando-se para o espaço superior entre as palavras FAVSTVS e AN(*orum*) da linha inferior; na

segunda linha, o A e o primeiro V com 4 cm de largura e o T com 6 cm de altura. A barra vertical no início da primeira linha é o vestígio inferior de uma letra que poderá ser um I, um H, ou um T. Todas as outras letras que possuem barra vertical ficam excluídas: F, N e P porque, apesar da fratura da peça, há espaço suficiente para que fossem visíveis vestígios que as denunciassem; quanto ao L, é clara a não presença da haste horizontal. A última letra da segunda linha está incompleta, estando visível apenas a sua parte superior, uma haste vertical que corresponderá a um numeral indicando a idade e que tanto pode pertencer a um I, como a um L. Todas as letras possuem serifas. Não estão presentes quaisquer *puncti distinguentes*, embora o estado de conservação da superfície epigrafada produza imagens fotográficas passíveis de fazer supor a sua presença, algo que uma observação directa imediatamente exclui.

A leitura do primeiro antropónimo presente neste fragmento de epígrafe levanta alguns problemas.

A tentação de ler na primeira linha do texto conservado o nome *Acona*, inspirada na epígrafe de Trujillo (Lusitânia), onde se regista um *Tongatius Aconis filius* (FE nº 803)⁴, permitindo o patronímico *Acono* ou *Aconon* e, por extensão, a sua versão feminina *Acona*, deve ser rejeitada, devido à presença indubitável do I semi-incluso na letra N.

A barra vertical (vestígio de uma letra incompleta) que antecede *Aconia* pode inviabilizar a identificação de um gentílico invulgar, mas não raro, no mundo romano, *Aconius/Aconia*. Por outro lado, a inexistência de pontuação na epígrafe pode permiti-lo, se supusermos que se trata da letra final de uma outra palavra (abreviada ou não) e que a palavra *Aconia* foi aqui usada como nome único. No entanto, não pode ser ignorado o facto de o espaço entre esse vestígio de letra e as seguintes convidar a encarar o conjunto como uma mesma palavra. Aliás, a palavra abreviada que se lhe segue, AN(*norum*), encontra-se visivelmente mais afastada,

⁴ FE nº 803 = ORTEGA, Júlio Esteban; RAMOS RUBIO, José António; SAN MACARIO SÁNCHEZ, Óscar – Inscripción rupestre de *Tongatius* en Trujillo, Cáceres. *Ficheiro Epigráfico* nº 231, Coimbra, 2022, epígrafe nº 803.

tal como acontece entre as duas palavras da segunda linha.

Coloca-se, então, a hipótese de se estar perante um *cognomen* feminino a que faltam as primeiras letras. Na *Epigraphik Datenbank Clauss-Slaby* (EDCS)⁵, tendo em conta as já referidas hipóteses prováveis para reconstituição da primeira letra (incompleta) da primeira linha, registam-se os *cognomina* *Attaconivs*⁶, *Maiaconia*⁷ e *Mataconivs*⁸, que permitem as versões *Attaconia*, *Maiaconivs* e *Mataconia*.

Nesta ordem de ideias, a defunta chamar-se-ia *Attaconia*, *Maiaconia* ou *Mataconia*. Destes nomes só *Maiaconia* está realmente atestado. Estes *cognomina* são bastante raros em todo o mundo romano, ocorrem sobretudo em ambientes militarizados e são exemplos únicos naquela base de dados.

O antropónimo *Faustus* é relativamente comum na onomástica romana. Só na Península Ibérica, de acordo com os registos do *Atlas Digital Onomastique de la Péninsule Ibérique* (ADOPIA)⁹, contam-se 75 casos, 68 como *cognomen* e 7 como antropónimo único. Na Lusitânia regista-se 21 vezes, 17 como *cognomen* (8 na zona de *Emerita Augusta*) e 4 como nome único. Na região de *Felicitas Iulia Olisipo*, em particular, aparece duas vezes, uma em Lisboa (CIL II 243¹⁰;

⁵ Disponível em: <https://db.edcs.eu/epigr/hinweise/hinweis-en.html> (consultada em Agosto de 2023).

⁶ EDCS 24200286 (epígrafe votiva proveniente da Germania Inferior, datável de 151-250 d.C.): *Matronis / Alusnehis / A(ulus) Attaconius / [I]eranus et A(ulus) / [A]ttaconius / [Q]uintus l(ibentes) m(erito)*.

⁷ EDCS 48500205 (transcreve-se parte do texto de um diploma militar gravado em bronze, de proveniência desconhecida, datado de 123 d.C.): *...M(arcus) Domitius Iustinus / ex equite / Tullioni Vegeti f(ilio) Tungr(o) / et Maiaconiae Aeconis fil(iae) uxor(i) eius*.

⁸ EDCS 26600262 (epígrafe votiva proveniente da Panónia Superior, datável de 101-300 d.C.): *Perpetuae securitati Mat/aconis Tasgillae et Clar(a)e / Primanius Quintinus / parentibus Mataconius / Augendus patronis*.

⁹ Disponível em: <http://adopia.huma-num.fr/en/atlas> (consultada em Agosto de 2023).

¹⁰ CIL II = HÜBNER, Emile – *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, Berlim, 1869, 1892 (suplemento).

Silva, 1944, 56¹¹) e outra em Oeiras (CIL II 5016).

As características paleográficas presentes nesta epígrafe indiciam uma datação entre o século I e o II d. C. A onomástica auxilia pouco à datação, uma vez que *Faustus* é um antropónimo de largo espectro geográfico e cronológico. O outro antropónimo suscita as dúvidas já referidas; mas, se for aceite a palavra *Aconia*, nome não frequente, mas também nada invulgar no mundo romano (especialmente na Itália), tem também uma considerável utilização temporal, embora os finais do século II e inícios do III d.C. pareçam destacar-se. Se, por outro lado, os muito raros *cognomina* possíveis registados forem considerados, a cronologia avança para os séculos II / III d. C.¹²

ANA CAESSA

MANUELA ALVES-DIAS



857

¹¹ Silva, 1944 = SILVA, Augusto Vieira (1944) – *Epigrafia de Olisipo. Subsídios para o Estudo da Lisboa Romana*. Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1944, p. 157, inscrição nº 56.

¹² Estudo realizado no âmbito do Proyecto GADCILSCA: “CIL II: Nueva edición. 1. Conventus Gaditanus II2 /6: Campo de Gibraltar y la Janda. 2. Conventus Scallabitanus II2/2: El litoral de Olisipo a Collipo y desde la desembocadura del Tajo hasta Sellium”, financiado por el Ministerio de Ciencia e Innovación (PID2019- 107905GB-I0), cuya IP es Helena Gimeno Pascual (Centro de Investigación CIL II-UAH).

UNA INSCRIPCIÓN DE *BAESVCCI*
(*Conventus Carthaginiensis*)

En la actual población de Vilches (Jaén), se conserva, reutilizada en la fábrica de la Iglesia de San Miguel Arcángel, una inscripción latina hasta el momento inédita.

En concreto, el epígrafe se ubica en su fachada noroccidental, sirviendo de alféizar para un arco de una capilla exterior del edificio que reutiliza una antigua puerta de entrada lateral (Fig. 1).

En la localidad se encontraba ubicada la antigua ciudad de *Baesucci*, perteneciente a la *Provincia Hispania Citerior*, dentro del *conventus Carthaginiensis*. La reducción ha sido posible gracias al hallazgo de dos inscripciones que hacen mención del *municipium Flavium Baesuccitanum*¹, localizadas ambas a unos 3 km al norte del actual municipio, en el entorno del Arroyo del Rey, en la finca La Torrecilla².

¹ En concreto son dos las inscripciones que han permitido la reducción de Vilches y *Baesucci*: *CIL* II 3251-3252; *CILA* III, 47-48.

² Para la reducción de *Baesucci* con Vilches, véase: C. GONZÁLEZ ROMÁN y J. MANGAS MANJARRÉS, *Corpus de inscripciones latinas de Andalucía. Volumen III: Jaén, tomo I*, Sevilla, 1991, p. 83-84; L. ARBOLEDAS MARTÍNEZ y A. BELTRÁN ORTEGA, «*Civitates*, élites y minería entre la

Además, su categoría de *municipium* y existencia de su *ordo* a finales del s. I d. C. están atestiguados por un pedestal dedicado al emperador Tito³. El *corpus* epigráfico de la ciudad y su territorio está compuesto por 24 inscripciones para el centro urbano y su *territorium* (CIL III, 45-68), a las que habría que sumar otra de reciente aparición, un epígrafe funerario de La Carolina⁴.

La inscripción está realizada en arenisca local de tonos rojizos y está fragmentada en dos partes ensamblables entre sí (Fig. 2). Además, ambos laterales no han preservado su anchura máxima, lo que hace que solo tengamos parte del texto de dicha línea.

Las medidas máximas totales son de 12 x 49 x 26 cm. La parte izquierda presenta unas dimensiones máximas de 12 x 22 x 23 cm y el lado derecho sus medias máximas son de 12 x 27 x 26 cm. El epígrafe está realizado en capitales cuadradas de 6,5 cm de altura en las letras que se han preservado completas. Tiene un signo de interpunción circular.

El texto dice:

[---] / [---] VEGETVS · RVF[---] / [---]

El cognomen *Vegetus*⁵ es muy habitual en Hispania con hasta 41 atestiguaciones recogidas por J. M. Abascal⁶. A estos ejemplares habría que sumarle los hallazgos realizados en los últimos años en Luesia (AE 1997, 933 = HEp 1995, 921),

República romana y el Alto Imperio en el Alto Guadalquivir. Sierra Morena oriental», *Pyrenae*, 53/2, 2022, p. 93-122.

³ CIL II 3250 = CIL III, 46; J. ANDREU PINTADO, *Liberalitas Flavia: Obras públicas, monumentalización urbana e imagen dinástica en el Principado de los Flavios (69-96 d.C.)*, Sevilla 2022, p. 325, n° XXIV, 7.

⁴ H. GIMENO PASCUAL y P. RAMOS MIGUEL, «Un nuevo testimonio de *Sempronii* en el territorio de *Baesucci* (Hispania Citerior)», *Onoba*, 11, 2023, p. 207-214.

⁵ I. KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Roma, 1982, p. 247.

⁶ J. M. ABASCAL PALAZÓN, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Murcia 1994, p. 540. Citadas, también, en 27 casos en: J. UNTERMANN, *Elementos de un atlas antroponímico de la Hispania antigua*, Madrid, 1965, p. 185-186.

Segobriga (CIL II²/13, 538 y 882), *Civitas Igaeditanorum* (HEp 2009, 560 = AE 2009, 513), Borba (AE 1991, 946 = HEp 1994, 1056), *Augusta Emerita* (AE 1998, 709 = HEp 1998, 28 y AE 2019, 809) y *Turgalium* (CPILCaceres 616). De todos ellos los más importantes son, sin duda, los *Valerii Vegeti*, oriundos de *Iliberris* y con varios miembros de la familia que accedieron al *ordo senatorial*⁷. De ellos conocemos a cuatro miembros, *Q. Valerius Vegetus* padre (PIR V-220), *Q. Valerius Vegetus* hijo (PIR V-221), *Mummius Niger Valerius Vegetus* (CIL XI, 3003 y AE 2002, 471) y *L. Mummius Niger Q. Valerius Vegetus Severinus Caucidius Tertullus* (CIL IX, 948 y PIR² M-707).

La paleografía del texto es muy similar a la que exhibe otra inscripción procedente de Vilches y preservada en los almacenes del Museo Provincial de Jaén (CILa III, 56 = HEp 5, 1995, 527). La ejecución tanto de la V en ambos casos es idéntica (Fig. 3). Además, ambas están realizadas en arenisca local. Sin embargo, lo fragmentario de ambos textos hace imposible plantear si tal vez pertenecieron al mismo monumento o si, por el contrario, son inscripciones coetáneas y realizadas por una misma *officina*. Por dichas características paleográficas el texto debe fecharse en la segunda mitad del s. II d. C.

La inscripción – como hemos podido ver – presenta una altura de letras considerable, que, si lo unimos a la presencia

⁷ A. BALIL ILLANA, «Los *Valerii Vegeti*, una familia senatorial oriunda de la Bética», *Oretania* 3, 1961, p. 95-98; C. CASTILLO GARCÍA, *Prosopographia Baetica*, Pamplona, 1965, p. 170-172; A. CABALLOS RUFINO, *Los senadores hispanorromanos y la romanización de Hispania (siglos I-III). I: Prosopografía*, Écija, 1990, p. 301-305; F. DES BOSCS-PATEAUX, *Un parti Hispanique à Rome? Ascension des élites hispaniques et pouvoir politique d'Auguste à Hadrien (27 av. J.-C. – 138 ap. J.-C.)*, Madrid, 2005, p. 514-515 y 545-566, n.ºs 60 y 88; M. ORFILA PONS y E. SÁNCHEZ LÓPEZ, «Granada, la ciudad de los *Valerii Vegetii*», *Itálica* 1, 2011, p. 105-120; Á. VENTURA VILLANUEVA, M. BUSTAMANTE-ÁLVAREZ, Á. RODRÍGUEZ AGUILERA, C. JÓDAR HÓDAR y J. RODRÍGUEZ AGUILERA, «*Tabula Iliberritana: un decretum decurionum* relativo a munificencia cívica *ex testamento* hallado en la villa de Los Mondragones (Granada)», *Archivo Español de Arqueología*, 96, 2023: <https://doi.org/10.3989/aespa.096.023.02>

del texto en nominativo, hace posible plantear que estemos ante un epígrafe de carácter público, que conmemora la financiación de una estatua o monumento por este notable local del que sólo conocemos su *cognomen*.

Estaríamos, por tanto, ante uno nuevo *titulus*, que enriquece el *corpus* epigráfico del *municipium Flavium Baesuccitanum*, con otra posible inscripción honorífica a sumar a su repertorio (CILa III, 45-49).

LUIS ROMERO NOVELLA⁸



FIG. 1 - Imagen de la fachada noroccidental de la Iglesia de San Miguel Arcángel de Vilches dónde se encuentra reutilizada la inscripción © L. ROMERO NOVELLA

⁸ Escuela Española de Historia y Arqueología de Roma – CSIC/ Universidad Complutense de Madrid. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2184-2296>. Email: luirom03@ucm.es



FIG. 2 - Inscripción reutilizada en la fábrica de la Iglesia de San Miguel Arcángel
© L. ROMERO NOVELLA.

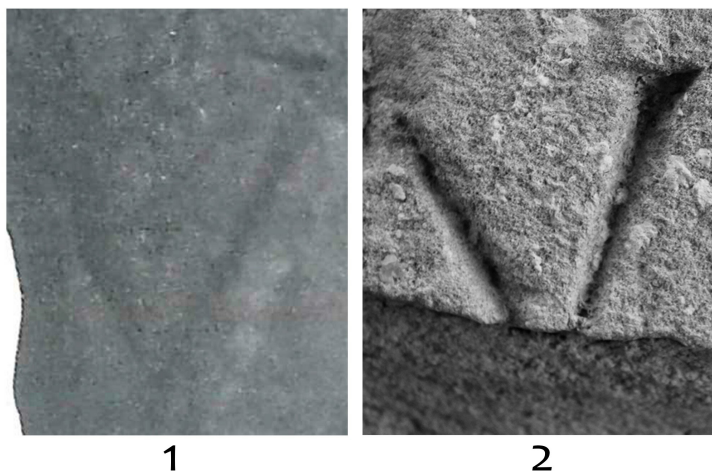


FIG. 3 - Comparativa en el tratamiento de la V entre una inscripción de Vilches de los almacenes del Museo de Jaén (*CILA* III, 56 = *HEp* 5, 1995, 527) (1) y en la nueva inscripción (2) © C. GONZÁLEZ ROMÁN y J. MANGAS MANJARRÉS, 1991, lám. IX, 36 (1) y L. ROMERO NOVELLA (2).

ESTELA FUNERARIA
DE ROBLEDILLO DE TRUJILLO, CÁCERES
(*Conventus Emeritensis*)

Recientemente se nos informó del hallazgo de una inscripción descubierta en el transcurso de las obras de remodelación de una vivienda en la localidad de Robledillo de Trujillo. Posteriormente se trasladó a una casa particular de Trujillo, donde se encuentra actualmente.

Aunque desconocemos la zona de enterramientos a la que pertenece, es muy posible que su ubicación original estuviera en la finca “Los Alijares”, de donde proceden la mayor parte de las inscripciones documentadas en Robledillo de Trujillo, cuyo número sobrepasa la veintena. El emplazamiento de la localidad en las cercanías de la calzada de *Augusta Emerita* a *Caesaraugusta* y la existencia de un camino secundario a través de las Sierras de Montánchez, determinaron la proliferación de asentamientos rurales en torno a estas rutas de tránsito y la explotación de los recursos agropecuarios de la zona.

La pieza consiste en un bloque rectangular de granito gris de la zona correspondiente a la parte inferior de una estela funeraria. El campo epigráfico ocupa la mitad del soporte y la diferencia de color señala la parte que estuvo hincada en la tierra. La rotura afecta al texto que está incompleto, faltando al menos una línea. El fragmento conservado se encuentra en

buen estado y la inscripción se lee sin dificultad.

Dimensiones: (84) x 32 x 21; letras: 6.

NIS · F(*ilia*)·
MONTA-
NA · HI(*c*)· S(*ita*)
E(*st*) · A(*nnorum*) XII (*duodecim*)

Su tosca factura parece indicar la obra de un taller poco especializado radicado en la zona. La paginación es deficiente, el operario no distribuye bien el texto y corta las palabras. Las letras, con *ductus* irregular y perfectamente marcadas, son capitales cuadradas con rasgos rústicos. A pesar de su rusticidad conservan una cierta armonía estética que puede apreciarse en algunas de las inscripciones halladas en la dehesa de Santa María de La Jara, en la vecina localidad de Ibahernando¹, quizás el mismo taller que realizó este epitafio. La interpunción es en punto que se distribuye irregularmente: en la primera línea está centrada; en la tercera el primer punto se encuentra en la parte superior y el segundo en la inferior; y en la última aparecen ambos arriba de las letras y a distinta altura. Existe nexa NT en la segunda línea y la X de la última está inclinada a la derecha. La expresión de la edad se ha colocado detrás de la fórmula funeraria, donde la abreviatura de *hic* es poco frecuente.

En el texto se conmemora a la joven *Montana*, muerta a la temprana edad de doce años. Desgraciadamente la rotura que mutila el texto impide conocer el *nomen* de la misma.

El esquema onomástico es romano, pero la filiación referida al *cognomen* indica un ambiente indígena. Pocos *cognomina* romanos de la tercera declinación y con esta terminación se documentan en la zona de *Turgalium*, donde sólo conocemos los de *Macrio*, en Santa Cruz de la Sierra

¹ Véase ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres II. Turgalium* [CILCC II], Cáceres 2012, nº 591 y 592.

(CILCC II, 694); *Orio*, en Herguijuela (CILCC II, 530); y *Vetto*, también en Herguijuela (CILCC II, 522) y Madrigalejo (CILCC II, 623). Cualquiera de ellos podría corresponder al *cognomen* de la filiación, pero lo más normal es que el padre sea un lugareño de nombre indígena del tipo *Aro*, *Caeno*, *Caturo* o *Mailo*, ampliamente documentados en la comarca de Trujillo.

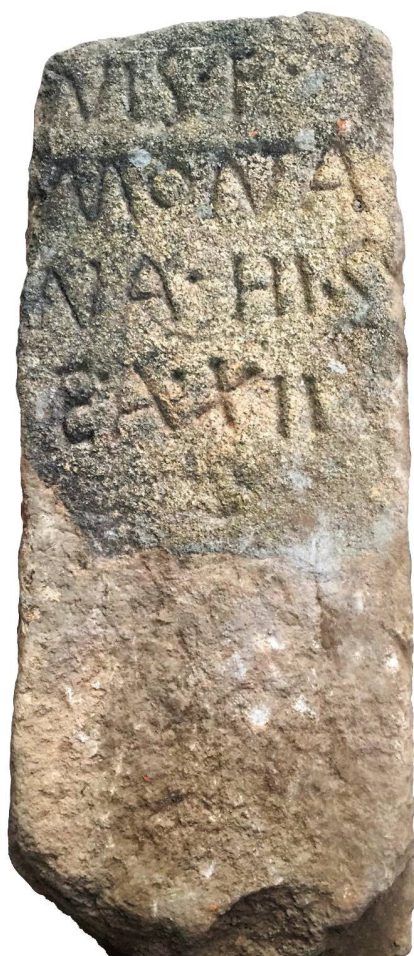
Montanus es un *cognomen* romano frecuente en la epigrafía cacereña y todos los testimonios documentados se concentran en el área de influencia de *Turgalium*, distribuidos entre las localidades de Campo Lugar (CILCC II, 467), Ibahernando (CILCC II, 545, 573 y 575) y Trujillo (CILCC II, 753 y 832). En femenino es, hasta la fecha, el primer caso conocido en estos territorios y, que sepamos, no se ha documentado ningún ejemplar más en todo el *conventus Emeritensis*.

Por la fórmula funeraria simple se fecharía en la primera mitad o mediados del siglo I d. C.

JULIO ESTEBAN ORTEGA

JOSÉ ANTONIO REDONDO RODRÍGUEZ

MARCELINO MORENO MORALES



859